

SOBRE O APAGAMENTO DE HUMBOLDT DAS TEORIAS LINGÜÍSTICAS MODERNAS

Cristine Gorski Severo
(Doutoranda em Lingüística, UFSC)

RESUMO: Pretende-se demonstrar o apagamento – operado especialmente por Saussure e Chomsky – da complexidade das idéias lingüísticas de Humboldt (1767-1835) das teorias modernas. Os temas tratados são: o caráter inato e universal/individual da linguagem; a relação entre pensamento e linguagem; a natureza social/individual da linguagem; e relação entre forma e substância e o estudo das línguas a partir de um olhar histórico e racional. Por fim, são apresentadas algumas hipóteses que expliquem aquele apagamento.

PALAVRAS-CHAVES: Humboldt; Lingüística; Saussure; Chomsky.

ABSTRACT: *We aim to demonstrate the elimination of the complexity of Humboldt's ideas (1767-1835) – specially done by Saussure and Chomsky – from the modern linguistic theories. The themes that are exposed are: the innate and universal/individual aspect of language; the relation between language and thought; the social/individual nature of language; and the relation between form and substance and the historical and rational study of language. Finally, we present some hypotheses that may explain that elimination.*

KEY WORDS: *Humboldt; Linguistics; Saussure; Chomsky.*

Introdução

Este artigo se pauta na idéia de que a complexidade e o caráter holístico presentes no pensamento lingüístico de Humboldt (1767-1835) foram apagados da Lingüística Moderna, especialmente por Saussure e Chomsky. Com isso, objetiva-se neste artigo apresentar quatro temas da lingüística humboldtiana que teriam sofrido tal apagamento: (i) o aspecto inato e universal/individual da linguagem; (ii) a relação entre linguagem e pensamento; (iii) a dimensão individual/social da linguagem; (iv) a forma e a substância na linguagem e o estudo histórico e racional das línguas. Por fim, elenco algumas hipóteses que possam explicar o apagamento de Humboldt das reflexões modernas sobre a linguagem.

Wilhem Von Humboldt foi um dos lingüistas que fortemente se destacou no início do século XIX, além de R. Rask, J. Grimm e F. Bopp. Estes últimos foram pioneiros nos trabalhos

de lingüística histórica, cujo método empregado era o de comparação das línguas e que supunha o fenômeno da mudança como degeneração de um estado primitivo e puro da língua; já Humboldt se destacou, dentre outras áreas, no campo da lingüística geral, não tendo se dedicado como seus contemporâneos ao estudo histórico (ROBINS, 1983). Segundo Robins, caso houvesse maior desenvolvimento das idéias do pensador alemão e se seus trabalhos fossem conhecidos, “ele certamente seria colocado ao lado de Saussure como um dos fundadores do pensamento lingüístico moderno” (ibid: p. 140). Essa importância conferida às reflexões de Humboldt também é compartilhada por Steiner (2005: p. 105) ao afirmar que “O jogo de inteligência, a sutileza de notação particular, a poderosa argumentação que Humboldt exige dão a seus escritos sobre a linguagem, embora incompletos, uma estatura única.”

Em poucas palavras, Humboldt nasceu em Potsdam, em 1767, e morreu em 1835. Estudou direito, dedicou sua vida aos estudos (pois era rico e não precisava trabalhar) e atuou em várias áreas, tais como: Lingüística, Filosofia, Educação e Política. Vivenciou os acontecimentos referentes à Revolução Francesa, tendo representado a Prússia no Congresso de Viena (onde houve a definição das fronteiras da Europa após Napoleão Bonaparte) e também fundou a Universidade de Berlim (1810), a partir de um ideal humanista de educação. Era irmão do famoso explorador e naturalista Alexander von Humboldt, que o ajudou nas pesquisas lingüísticas fornecendo-lhe dados sobre diversas línguas e dialetos com os quais entrava em contato em suas viagens. Foi a partir de 1819 que Humboldt se dedicou mais intensamente aos estudos lingüísticos, uma vez que as frustrações no campo político o afastaram da vida pública. (HUMBOLDT, 2004; SEUREN, 1998). Sucintamente, pode-se dizer que:

Essencialmente, Humboldt é um pensador sistemático, mas ele se mostra hostil a toda e qualquer técnica de sistematização apenas exterior. Ocorre, assim, que o seu empenho em sempre apresentar em cada um dos pontos de sua análise simultaneamente a totalidade de sua concepção da linguagem resulta na ausência de uma distinção clara e inequívoca desta totalidade. Os seus conceitos nunca são os produtos puros e livres da análise lógica; neles, ao invés, vibra sempre uma tonalidade estética do sentimento, uma atmosfera artística, que anima a exposição, mas, ao mesmo tempo, encobre a articulação e a estrutura das idéias. (CASSIRER, 2001: p. 140-141)

Resumindo: o pensamento humboldtiano se caracteriza, principalmente, por uma visão holística da língua – e aversão às dicotomias – e pela crítica ao trabalho reducionista da ciência.

1. Sobre a linguagem e seu aspecto inato e universal/individual

Humboldt considera a capacidade da linguagem um atributo da mente humana, sendo as línguas passíveis de alteração de acordo com o meio. Para ele, devido ao aspecto mental inato, os falantes poderiam fazer usos infinitos de recursos lingüísticos finitos, o que forneceria à linguagem a habilidade criadora e não um caráter acabado.

O aspecto universal e inato da linguagem, para Humboldt, se resume na estrutura semântico-gramatical. Entretanto, os aspectos semântico-gramaticais são também específicos de cada idioma, por conta das peculiaridades da nação, do grupo ou do indivíduo que fala aquela língua. De fato, a universalidade da língua e sua individualidade dependem do grau de abstração com o qual a língua é vista. Numa visão aparentemente paradoxal, Humboldt admite que “tão prodigiosa é a individualização dentro da uniformidade geral da língua que podemos dizer com igual acerto que a humanidade inteira possui em verdade apenas uma única língua e que cada pessoa tem uma língua particular” (HUMBOLDT, 2006: p. 117). O autor não prioriza o estudo do universal em detrimento do específico ou vice-versa, uma vez que, para ele, ambos estão relacionados e o estudo de um não pode ser desvinculado da realidade do outro. Por um lado há a objetividade da língua e por outro a subjetividade, estando esta pautada nas diferentes linguagens individuais, que representariam diferentes percepções. E a linguagem não seria exterior ao ser humano, mas “um instinto intelectual da razão”, não podendo ela ser inventada caso o “seu modelo não estivesse presente no entendimento humano” (HUMBOLDT, 2006: p. 13).

Aproximando Humboldt de Chomsky, percebe-se que, apesar de o gerativista citar várias vezes a célebre frase do teórico alemão de que “a língua precisa fazer dos seus meios limitados um uso ilimitado e consegue fazê-lo por causa da identidade da força geradora de pensamento e linguagem” (HEIDERMAN, 2006: p. XXVII), pouco se sabe sobre a abordagem humboldtiana, através de Chomsky. Este não levou em conta, por exemplo, que a mudança na língua é possível em decorrência do contato inevitável entre as línguas e que o estudo da língua deveria contemplar, concomitantemente, um olhar científico, “desmembrador”, e um olhar filosófico que leve em conta, por exemplo, a reação da língua “perante a atividade intelectual da nação” (HUMBOLDT, 2006: p. 115). O gerativista efetuou um recorte de noções que para Humboldt são intrinsecamente associadas, incluindo o caráter universalizante da língua que, na teoria de

Humboldt, “não diz respeito a uma gramática universal entendida como um sistema, mas como uma dinâmica mental de elaboração da expressão [...] Para Humboldt, a gramática como tal (como um *a priori*) e a comunicação são absolutamente acessórias. O essencial é o trabalho elaborador do espírito” (FARACO, 2004: p. 44).

2 A relação entre linguagem e pensamento

Quanto à relação entre linguagem e pensamento, para Humboldt¹ ambos são “interdependentes e inseparáveis” (ROBINS, 1979: p. 142), uma vez que “o modo de pensar e o modo de falar de um povo estão indissolúvelmente ligados” (Ibid: p. 141). Ambos, linguagem e pensamento, se desenvolveriam paralelamente, não havendo hierarquia ou causalidade de um em relação ao outro: os dois teriam uma origem comum. Assim, o padrão mental de um povo é retratado pela linguagem, e vice-versa, sendo que diferentes línguas possuem diferentes modos de interpretar e compreender o mundo. Tal inter-relação fica clara na seguinte colocação de Humboldt: “[...] objetividade e subjetividade – em si uma só e a mesma coisa – só se tornam diferentes porque a ação autônoma da reflexão as opõe uma à outra” (HUMBOLDT, 2006: p. 11); ou ainda quando o autor menciona que “a língua consiste no esforço permanentemente reiterado do espírito de capacitar o som articulado para a expressão do pensamento” (HUMBOLDT, 2006: p. 99).

Na concepção de Humboldt, então, as complexidades intelectual e lingüística se justapõem, não sendo possível falar em indivíduo/ser humano sem recorrer à linguagem já que esta é o que o define. E a individualidade tanto se remete às nações, com suas particularidades, como aos indivíduos, com suas próprias línguas. Sobre este último aspecto, o autor chega a sugerir que “[...] seria, portanto, melhor multiplicar as diferentes línguas, na medida permitida pelo número de seres humanos habitantes do planeta” (HUMBOLDT, 2006, p. 09).

Comparando Humboldt e Chomsky, nota-se que, para o segundo, o conhecimento de uma língua requer a noção de gramática universal, que engloba a relação linguagem e pensamento ao visar princípios (sistemas de regras) que tornam possível a língua humana e que dizem respeito às

¹ Sobre a relação entre linguagem e pensamento, Herder foi uma das grandes influências de Humboldt – no final do século XVIII -, ao definir linguagem como “instrumento, conteúdo e forma do pensamento humano” (ROBINS, 1979: p. 121).

faculdades intelectuais humanas². As gramáticas podem ser entendidas como “entidades individuais que existem nas pessoas e que não definem as línguas como tais. Elas existem nas mentes dos falantes individuais, assim como fígado e estômago existem nos corpos individuais”³(LIGHTFOOT, 1999: p. 78).

Para dar conta das duas realidades da língua – uma universal e as diversas línguas – Chomsky propõe que uma teoria da linguagem deve satisfazer a duas condições: de adequação descritiva, para a língua particular, e a de adequação explicativa, para a gramática universal. Quanto a segunda adequação, fica claro o fato das variadas línguas particulares serem derivações de um estado inicial, cujo funcionamento se visa explicar; para tanto, é necessário supor que “a estrutura da língua seja, em grande parte, invariante” (CHOMSKY, 1998: p. 24), possuindo propriedades gerais passíveis de serem identificadas.

Para Humboldt, a idéia de uma estrutura invariante parece ser questionável, visto que: (i) se diferentes línguas representam diferentes percepções (como se nota na teoria humboldtiana), elas tenderiam a possuir diferentes estruturas; (ii) se a língua não é uma obra acabada (ergon), mas atividade (energeia) (HUMBOLDT, 2006), supõe-se que o processo de variação é inerente à língua.

3 A dimensão individual e social da linguagem

A dimensão individual prende-se a noção de liberdade, que existe na relação de cada indivíduo com a língua e esta, por sua vez, aparece a ele pronta e como produto de gerações anteriores. Assim, liberdade não pode ser entendida como arbitrariedade em relação à língua, mas diz respeito – em função da interdependência entre linguagem e pensamento – à utilização criativa do pensamento e ao uso da imaginação: trata-se, nesse caso, de “atuação autônoma da individualidade” (HUMBOLDT, 2006: p. 173). Porém, esta liberdade é limitada, pois a língua possui uma tradição que é constitutiva dela, sendo resultado de várias gerações e da relação com outras línguas. Citando Humboldt: “a análise das línguas há de reconhecer e respeitar o fenômeno

² Dessa forma, “a lingüística, assim caracterizada, é simplesmente o subcampo da psicologia que trata destes aspectos do pensamento” (CHOMSKY, 1971: p. 44).

³ “individual entities which exist in people and do not define languages as such. They exist in the minds of individual speakers, just as livers and brains exist in individual bodies.”

da liberdade, porém, investigar com zelo igual os limites da mesma” (HUMBOLDT, 2006: p. 165).

A ênfase no aspecto individual, porém, não descarta uma certa dimensão social no tratamento da linguagem por Humboldt, uma vez que “a sociedade é a condição necessária da língua que, de outra maneira, não se formaria, e, assim, a língua emerge em suas particularidades também de todas as leis que dirigem a formação da sociedade humana” (HUMBOLDT, 2006: p. 175).

Para Saussure (1974), a linguagem “possui um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro” (p. 16). E a língua, parte principal da linguagem, é um “conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos” (p. 17), sendo que “a língua não está completa em nenhum [indivíduo], e só na massa [social] ela existe por completo” (p. 21). Nota-se uma aproximação entre Saussure e Humboldt na afirmação do primeiro acerca da inter relação existente entre as dimensões social e individual da linguagem; contudo, ambos se distanciam quando Saussure defende que a língua não existe na sua completude em cada indivíduo, mas apenas na massa social – para Humboldt, diferentemente, cada língua pode ser comparada a um indivíduo, o que parece atestar a sua completude: difícil conceber uma língua incompleta, assim como indivíduos incompletos.

4 A forma e a substância na linguagem e o estudo histórico e racional das línguas

No que diz respeito ao estudo da linguagem, Humboldt contempla dois aspectos que devem estar interligados: a forma e a substância. O autor alerta para o fato de que, na investigação minuciosa da forma de cada língua, se deve levar em conta as dificuldades em delimitar as fronteiras do que seria uma língua específica e o fato de que a língua, na sua natureza, permanece em evolução. E salienta ainda que a análise da forma não visa identificar e classificar as diversas partes da linguagem, uma vez que “a quebra em palavras e regras nada mais é do que obra malfeita e sem vida, produzida pela prática desmembradora da ciência” (HUMBOLDT, 2006: p. 101). Essa preocupação com o esmiuçamento da forma também é evidente no seguinte trecho: “mesmo o falar da nação mais rudimentar é uma obra natural nobre demais para ser desfigurada em partes tão casuísticas e ser examinada de forma tão fragmentária”

(HUMBOLDT, 2006: p. 43). Já o estudo da *substância* da língua envolve “de um lado, o som propriamente dito, de outro, a totalidade das impressões sensoriais e dos movimentos autônomos do espírito que antecedem a construção dos conceitos com o auxílio da linguagem” (HUMBOLDT, 2006: p. 112-3). É na interligação de forma e substância que se revela o caminho da expressão do pensamento: “por meio da representação da forma deve-se poder reconhecer o caminho específico pelo qual a língua, e com ela a nação a qual pertence, chega à expressão do pensamento” (Ibid: p. 115). Percebe-se que para Humboldt a língua deve ser estudada como composta, simultaneamente, de forma e substância. Não se trata de dicotomizar estes dois aspectos para favorecer um estudo científico da língua; trata-se, sim, de ver no fenômeno lingüístico as regras e leis que constituem seu funcionamento, bem como o aspecto semântico (mental) da linguagem.

No caso de se proceder a um estudo comparativo das línguas, Humboldt propõe que deve ser contemplada uma investigação tanto (i) do organismo das línguas (associado ao intelecto humano), servindo-se da comparação entre as línguas; como (ii) da formação das línguas (associada ao desenvolvimento histórico), exigindo-se o isolamento da língua para sua análise. Dessa maneira, “o estudo empírico de comparação lingüística pode mostrar de que modo diferente o ser humano realizou a linguagem, e qual parte da esfera do pensamento ele conseguiu transferir para aquela” (HUMBOLDT, 2006: p. 39). Esse tipo de estudo recobriria objetos de diferentes dimensões: “a linguagem, os objetivos que os seres humanos alcançam por meio desta, o gênero humano em seu progressivo desenvolvimento e cada uma das nações” (Ibid: p. 39).

Para Saussure,

se estudarmos a linguagem sob vários aspectos ao mesmo tempo, o objeto da Lingüística nos aparecerá como um aglomerado confuso de coisas heteróclita, sem liame entre si. Quando se procede assim, abre-se a porta a várias ciências – Psicologia, Antropologia, Gramática normativa, Filologia etc. -, que separamos claramente da Lingüística, mas que, por culpa de um método incorreto, poderiam reivindicar a linguagem como um de seus objetos (1974: p. 16).

Tal comentário também se refere às dualidades existentes na linguagem, postuladas pelo lingüista suíço: lado individual x social da linguagem; sistema estabelecido x evolução; unidade acústico-vocal x idéia. Diferentemente, para Humboldt, a língua deve ser estudada a partir de

duas abordagens complementares: uma que leva em conta a linguagem de uma nação/de um indivíduo, e outra que contempla a inevitável relação entre as línguas. A metodologia deve ser, simultaneamente, filosófica/ histórica e racional/ científica. Fica claro nesse pensador uma visão não dicotômica no estudo da língua, a qual também se evidencia no fato de que a língua, ao mesmo tempo que define um indivíduo, define uma nação.

5 Hipóteses para o apagamento de Humboldt pelas teorias modernas de linguagem

Acredito que algumas hipóteses que tentem explicar o apagamento da complexidade do pensamento de Humboldt nas perspectivas lingüísticas modernas podem ser elencadas. Segundo Robins (1983), Humboldt não foi colocado ao lado de Saussure como fundador do pensamento lingüístico moderno devido a três fatores:

- (i) seu estilo difuso;
- (ii) pouco desenvolvimento das suas idéias, com exemplificação pobre;
- (iii) obra pouco lida e conhecida. Sobre este aspecto, Robins (1983) afirma que “enquanto Humboldt cita com freqüência os seus contemporâneos, estes não parecem ter feito maior uso das idéias daquele” (p. 142).

Além deste fatores, acredito que Humboldt foi, de certa forma, excluído do rol dos lingüistas modernos devido a:

- (iv) necessidade de se configurar a Lingüística como campo científico de estudo da linguagem, o que levou ao apagamento dos aspectos filosóficos, psicológicos ou antropológicos envolvidos neste estudo e da visão holística acerca da linguagem;
 - (v) o lugar concedido ao indivíduo no estudo da língua, que passou a ser questionado por Meillet e por Saussure, ambos inspirados pela noção de Durkheim sobre fato social. Para os lingüistas a língua deveria ser vista como existindo independente dos falantes e passível de ser sistematizada: a língua seria um sistema abstrato cujas regras seriam impostas socialmente. De acordo com o Curso de LG, “A língua é um todo por si e um princípio de classificação” (p. 17);
-

- (vi) noção de língua como fato social poupar os pesquisadores de qualquer compromisso em explicar o que os estudos da linguagem teriam a dizer sobre os indivíduos (os sujeitos) e/ou a sociedade, pois desvincularia a noção de língua de fenômenos de outra natureza;
- (vii) necessidade de sistematização do estudo da língua, tornando o objeto da ciência Lingüística em homogêneo e estável;
- (viii) o desinteresse pelo estudo histórico das línguas, realçando seu aspecto sincrônico;
- (ix) exposição dos alunos do curso de Lingüística Geral ao mesmo instrumento de leitura que oferece uma determinada visão e explicação do objeto respaldadas por um certo paradigma (de aceitação geral) do campo (KUHN, 2003). No caso da Lingüística, o quanto, por exemplo, as reflexões sobre o estudo da linguagem se iniciam com Saussure, como se ele fosse o primeiro e grande nome da Lingüística? Há uma grande diferença entre a leitura dos trabalhos dele como “se nada de tão importante existisse antes” e sua leitura a partir das condições e das abordagens teóricas que lhe permitiram dizer o que disse.

Considerações finais

Pretendeu-se, neste artigo, apresentar algumas idéias de Humboldt que foram apagadas do pensamento lingüístico moderno (Chomsky e Saussure). Foram discutidos os temas do aspecto inato e universal/individual da linguagem; da relação entre linguagem e pensamento; da dimensão individual/social da linguagem; e da forma e a substância na linguagem e o estudo histórico e racional das línguas. Os dois primeiros foram comparados à teoria de Chomsky e os demais à de Saussure. Por fim, apresentei algumas hipóteses que pudessem explicar o apagamento da complexidade do pensamento de Humboldt das reflexões modernas sobre a linguagem. Tal complexidade supõe um olhar holístico (filosófico e científico) da língua, tida como processo (energeia) e não um produto acabado existente na mente dos indivíduos (ergon).

Referências bibliográficas

CASSIRER, Ernst. *A filosofia das formas simbólicas* (trad. Marion Fleischer). São Paulo: Martins Fontes, 2001.



CHOMSKY, Noam. *Linguagem e Mente* (trad. Lúcia Lobato). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

_____. *Linguagem e Pensamento*. Petrópolis, RJ: Vozes Limitadas, 1971.

LIGHFOOT, David. *The Development of Language*. Oxford. UK: Blackwell, 1999.

HEIDERMANN, Werner; WEININGER, Markus J. (orgs.). *Wilhem von Humboldt – Linguagem, Literatura, Bildung*. Florianópolis: UFSC, 2006.

HUMBOLDT, Wilhem von. Sobre a natureza da língua em geral (Trad. Paulo Oliveira). In: HEIDERMANN, Werner; WEININGER, Markus J. (orgs.), 2006. p. 2-19.

_____. Sobre o estudo comparado das línguas em relação com as diferentes épocas do desenvolvimento das línguas (Trad. Luiz Montez). In: HEIDERMANN, Werner; WEININGER, Markus J. (orgs.), 2006. p. 20-93.

_____. Forma das línguas (Trad. Karen Volobuef). In: HEIDERMANN, Werner; WEININGER, Markus J. (orgs.), 2006. p. 94-119.

_____. Natureza e constituição da língua em geral (Trad. Weininger). In: HEIDERMANN, Werner; WEININGER, Markus J. (orgs.), 2006. p. 120-165.

_____. Carta para Karl Ferdinand Becker: A língua como organismo (Trad. Álvaro Alfredo Bragança Júnior). In: HEIDERMANN, Werner; WEININGER, Markus J. (orgs.), 2006. p. 166-179.

_____. Carta a Schiller: Sobre língua e poesia (Trad. Izabela Maria Furtado Kestler). In: HEIDERMANN, Werner; WEININGER, Markus J. (orgs.), 2006. p. 180-197.

_____. *Os limites da ação do Estado* (trad. Jesualdo Correia). Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. 8^a ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ROBINS, R. H. *Lingüística Geral* (trad. Elizabeth Corbetta e outros). 2^a ed. Porto Alegre - Rio de Janeiro: Globo, 1981.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de Lingüística Geral*. São Paulo, Cultrix: 1974.

SEUREN, Pieter A.M. *Western Linguistics*. Oxford/Massachusetts: Blackwell, 1998.
